

Do Livro ao Filme: Compreendendo a releitura cinematográfica dos contos de fadas

Del Libro a la Película: Comprendiendo la relectura cinematográfica de los cuentos de hadas

From the Book to the Movie: Understanding the cinematographic rereading of fairy tales

Jéssica Reis de Melo¹

Juliana Brandão Machado²

Lucas da Costa Lage³

Resumo

A criança é o ator social da classe geracional infância. Desde seu surgimento, em meados do século XVII, a infância tem sido projetada pelo olhar adulto. Nessa perspectiva se enquadram as vestimentas, músicas, desenhos, tudo aquilo denominado “cultura infantil”. Entre tais artefatos encontra-se a Literatura Infantil, compreendida como uma releitura de contos adultos no qual se tinha linguagem obscena, violência e aquilo que se enquadra na satisfação dos mais velhos. Atualmente atribui-se reis e rainhas, príncipes e princesas, reinos, castelos, fadas madrinhãs e o famoso “Era uma vez”. Os personagens são adaptados para capturar a atenção da criança e lhe transmitir uma moral, um ensinamento que sempre mostra no final da história contada, uma superação, uma obediência. Seguindo esta concepção, o trabalho será realizado através de uma análise bibliográfica acerca da literatura infantil, a fim de perceber como a transição para a indústria cinematográfica pode formar a consciência das crianças. Essa pesquisa objetiva compreender a releitura da literatura infantil pela indústria cinematográfica, através da análise comparativa do filme *Frozen: Uma aventura congelante* e do conto de fadas *A Rainha da Neve*. Concluímos que o olhar adulto sobre a cultura infantil pode limitar ou ampliar o entendimento da criança sobre a sociedade, usando da persuasão dos filmes e influenciando as crianças em suas escolhas de vida.

Palavras-Chave: Criança; Cultura Infantil; Filmes; Literatura; Releitura.

Resumen

El niño es el actor social de la clase generacional llamada infancia. Desde que surgió a mitades del siglo XVII, la infancia ha sido proyectada por la mirada del adulto. Cuando decimos esto nos referimos a vestimenta, música, dibujos todo aquello denominado “cultura infantil”. Dentro de tales artefactos se encuentra la literatura infantil, entendida como una relectura de los cuentos para adultos en los cuales se hacía presente el lenguaje violento, obsceno enfatizando siempre en la satisfacción de los adultos. Actualmente se atribuyen las historias a los señores reyes y reinas a sus reinos. También se refieren a los príncipes y princesas, castillos, hadas madrinas y el famoso “era una vez”. Los personajes son adaptados para capturar la atención de los niños y transmitirles una moral, un aprendizaje basado en finales que siempre muestran lo mismo, una superación, una obediencia. Siguiendo esta concepción el trabajo será realizado a través de un análisis bibliográfico basado en la literatura infantil, con el fin de darnos cuenta como la transición de la industria cinematográfica puede formar la conciencia de los infantes. El objetivo de esta investigación es comprender la relectura de la literatura infantil creada por la industria

¹ Licencianda em Pedagogia; Universidade Federal do Pampa - Bolsista do Programa PET - Pedagogia, Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil; jessicamello1998.jm@gmail.com

² Doutora em Educação; Universidade Federal do Pampa – Tutora do Programa PET - Pedagogia; Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil; julianamachado@unipampa.edu.br

³ Licenciando em Pedagogia; Universidade Federal do Pampa - Bolsista do Programa PET - Pedagogia, Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil; luquinhas.lage20@gmail.com

cinematográfica, a través del análisis comparativo de la película *Frozen: Uma aventura congelante* y del cuento de hadas *A Rainha da Neve*. Concluimos que la mirada del adulto sobre la cultura infantil puede limitar o ampliar el entendimiento del niño sobre la sociedad, usando las películas como medio para influenciar sus vidas.

Palabras claves: Niño; Cultura infantil; Películas; Literatura; La relectura.

Abstract

The child is the social actor of the childhood generational class. Since its beginning, in the middle of the 17th century, the childhood has been projected based on the adult view. In this perspective, the clothing, songs, cartoons match into everything so called as “children’s culture”. Among such artifacts, we find the Children’s Literature, seen as the rereading of adult tales which presented obscene language, violence and all that pleases elder people. Nowadays, kings and queens, princes and princesses, kingdoms, castles, fairy godmothers and the famous “Once upon a time” are present. The characters are adapted to capture the child’s attention and convey a moral view, some teaching which is always found at the end of the story, some overcoming, some obedience. Following the conception, the work will be carried out through the bibliographical analysis concerning children’s literature, in order to realize how the transition to the cinematographic industry may form the consciousness of the children. This research aims to understand the rereading of children’s literature by the cinematographic industry, through the comparative analysis of the movie *Frozen* and the fairy tale *The Snow Queen*. We concluded that the adult view on the children’s culture may limit or broaden the understanding of a child concerning the society, using the persuasion of the movies and influencing the children in their life choices.

Keywords: Child; Children’s Culture; Movies; Literature; Rereading.

1. Introdução

Na atualidade pouco se analisam as relações adulto-criança. Com o surgimento da classe geracional infância, em meados do século XVII, houve uma grande mudança nas relações que os adultos possuem com as crianças (ARIÈS, 1981). A criança tornou-se “autônoma” dentro em um grupo social, passou de miniadulto que pouco se sabia e se compreendia de si, para o centro de estudos na sociedade. Mas como ser “autônoma” e produtora de uma cultura tendo toda a sua vida planejada de outra perspectiva? Partindo da ideia de que dentro da sociedade a cultura infantil tem sua elaboração a partir das premissas adultas, a construção do brinquedo, os programas de televisão, as músicas, e todo o conglomerado cultural definido para a infância passa pela criação e inspeção adulta.

A visão de mundo imposta pela geração mais velha nos traz o conhecimento de que estão sendo feitas para satisfação adulta. A percepção infantil é dominada pela criação dos antecessores, há uma renovação, uma demarcação de tempos, no qual vemos inserida uma cultura pronta, sem a participação dos atores sociais que a compõem. São livros recontados em outras versões com o intuito de prender a atenção da criança e ser possível a concreticidade da animação, manifestada nos brinquedos magníficos, com potencialidades pré-estabelecidas e direcionadas para o seu uso. A boneca que anda, fala e imita o comportamento infantil, a princesa que dança junto ao príncipe, os carros potentes em suas pistas amplas e que disputam corridas, são exemplos da indústria do comércio ligada ao pensamento adultocêntrico,

produzida com o intuito de disparar as vendas, e ainda promovendo a separação dos “brinquedos de meninos” e “brinquedos de meninas”, silenciam assim a autonomia da criança em sua maneira de brincar. Tais produções, assim podemos dizer, causam impacto no mundo infantil, ao entregarmos o objeto pronto, no caso o brinquedo, e definirmos sua potencialidade, suas regras e jeitos de manipular, estamos delimitando a ludicidade infantil, de modo que não auxiliamos a criança na exploração do lúdico. Segundo Sarmiento (2002, p. 3) ‘o imaginário infantil é inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade e da racionalidade de cada criança concreta, mas isso acontece no contexto cultural e social que fornece as condições e as possibilidades desse processo’.

Ou seja, o lúdico se torna presente nas suas diversas faces, podendo ser em um ambiente de guerra ou de paz, a criança imagina em qualquer situação, ela utiliza as ferramentas que lhe dão para construir sua ludicidade, sem necessidade do brinquedo concreto.

Nessa premissa, como forma de auxílio ao imaginário infantil, temos os contos de fadas que integram a literatura. Criado em meados da Idade Média, era destinado ao entretenimento dos adultos por conter linguagem obscena, violência, e outros artefatos que causavam interesse na geração mais velha. Entretanto, no decorrer dos tempos ganhou nova linguagem e se voltou para as crianças, sendo de fácil compreensão e capaz de instigar a imaginação. Em sua maioria, o início dos contos relata histórias de pessoas que passam por algumas situações adversas em sua família ou no grupo social em que vivem, contendo a entonação do famoso “Era uma vez”. Reinos, princesas, fadas madrinhas, objetos falantes, são algumas semelhanças entre eles, que conseguem capturar a atenção da criança e fazê-la imaginar, possibilitando que em suas brincadeiras sejam aplicados alguns dos contextos relatados nos contos.

Bettelheim (2007, p.67) aborda que “uma criança confia no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua”, ou seja a imaginação da criança capta fragmentos de sua realidade, de modo que se tornem reis e rainhas, príncipes e princesas e encontrem o seu “felizes para sempre”. A perspectiva da realidade infantil nos traz dois aspectos até então estudados na sociologia da infância: os processos em que a criança é identificada como um ser angelical, inocente e pura, sendo contraposto ao modelo arteiro, birrento e mimado, duas concepções que denota o constante aprofundamento relacional entre o adulto e criança. O adulto, por sua vez, aproveita-se das histórias contadas para as crianças para conseguir a obediência dos pequenos ao usar frases como “o lobo mau vai te pegar”, relacionado à história da Chapeuzinho Vermelho, na qual tem como vilão o lobo que engole a avó da pequena criança de capuz vermelho. Sendo assim, os contos de fadas ganha amplo sentido na vida da criança, possibilitando a grande influência em seu imaginário. E se o personagem ganha

vida? A linda boneca de cabelos amarelos que encontra sua fada madrinha e dispara para o baile ou o grande cavaleiro que enfrenta reinos para salvar a frágil donzela, a princesa encantada que recobra sua consciência através do beijo do amor verdadeiro, uma forma de prender a atenção e conseguir cultivar os valores da moral impregnadas na sociedade. O processo tecnológico com suas novas máquinas e modernidades, conseguiram trazer algo que garantisse a atenção de seu telespectador, o mesmo evento aconteceu com a televisão de som e imagem colorida, a sociedade ficou fascinada. O desenvolvimento social necessita de inovações e a cinematografia trouxe eficácia e criatividade, concretizar uma personalidade que englobe os valores e as regras do mundo em que vive, permitindo que o castigo se fazia obrigatório pelo seu descumprimento, mesmo que isso fosse a válvula para encontrar o verdadeiro amor. A submissão da princesa, o heroísmo do cavaleiro, são as denominações da estereotipação dos clássicos infantis, no qual elucida o papel do menino e da menina, da serva e da madame, ou seja, a sociedade em sua composição, homens acima das mulheres, ricos acima de pobres, possibilitadores de trazer a “ordem social” antes contadas na beira da cama, hoje mostrados nas gigantescas telas do cinema. A história outrora descrita em folhas agora se torna mais realística, apropriada pela indústria cultural que faz uma releitura animada da literatura, de modo a comercializar o lúdico, construindo um produto necessário à infância na contemporaneidade.

Essa pesquisa objetiva compreender a releitura da literatura infantil pela indústria cinematográfica, através da análise comparativa do conto de fadas *A Rainha da Neve* e do filme *Frozen: Uma aventura congelante*. Apresenta-se como premissa a ideia de que a cultura infantil se torna submissa aos interesses do capital, de forma que o imaginário infantil se torna oprimido e impedido de criar e produzir sua imaginação.

Com base nos métodos utilizados na construção de uma pesquisa, tendo em vista a suposição “que não se inicia do nada, ou seja, implica conhecimentos prévios, sobretudo leitura pertinente, alguma familiaridade com a questão, acompanhamento da produção vigente” (DEMO, 2012, p.51), essa pesquisa trata de uma abordagem documental, na qual, segundo Severino (2010, p.122), “tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais”. A análise do livro *A Rainha da Neve* e do filme *Frozen - Uma aventura congelante* nos remete a uma abordagem qualitativa, no qual ambos se tornam documentos importantes na perspectiva científica, fonte dos dados a serem analisados. O contraponto de ambos os documentos auxiliará na discussão da pesquisa, pois “nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria prima,

a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise” (SEVERINO, 2010, p. 123).

Da mesma forma, o uso do referencial teórico complementa o caráter exploratório do estudo, pois através da pesquisa buscamos “levantar informações sobre determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (SEVERINO, 2010, p. 123), que no caso é a introdução da releitura cinematográfica na cultura infantil.

Esse artigo é composto pela compreensão da cultura infantil desde seu surgimento em meados do século XVII, sua estruturação e caracterização, apontados por Ariès (1981), dentro da vasta coletânea que compõe tal cultura enfatiza-se a literatura infantil, especificado nos contos de fadas, contados e recontados na hora de dormir ou nas escolas discutidos por Zilberman (2003) e os filmes infantis produzidos, em sua maioria pela indústria cinematográfica Walt Disney estudados por Steinberg e Kincheloe (2004), que também abordam a lucratividade em torno da cultura infantil que sobressai os interesses da criança. Bettelheim (2004) em sua psicanálise aborda as semelhanças dos contos em relação a vida da criança, sendo concluído pela atenção adulta na introdução de tal cultura infantil, enfatizando a sociologia da infância e o comportamento relacional da criança com o adulto.

2. Cultura Infantil

Com o surgimento da classe geracional infância, a sociedade precisou se adaptar e criar novos moldes de separação da criança e do mundo adulto. Nesse sentido, as crianças ganharam novas vestimentas e novos brinquedos, sempre atrelados ao meio social em que vivem. Os meninos, sendo os primeiros a experimentar os prazeres de seu grupo etário, a fim de obter prestígio e qualificações da infância, as meninas por sua vez, ainda tratadas como miniadultas, eram preparadas para se subordinar à voz masculina, suas vestes ainda seguiam os padrões femininos, seus ensinamentos eram voltados para a satisfação do homem.

A infância corporifica, a partir de então, dois sonhos do adulto. Primeiramente, encarna o ideal da permanência do primitivo, pois a criança é o bom selvagem, cuja naturalidade é preciso conservar enquanto o ser humano atravessa o período infantil. A consequência é sua marginalização em relação ao setor da produção, porque exerce uma atividade inútil do ponto de vista econômico (não traz dinheiro para dentro de casa) e, até mesmo, contraproducente (apenas consome). Em segundo lugar, possibilita a expansão do desejo de superioridade por parte do adulto, que mantém sobre os pequenos um jogo inquestionável, que cresce à medida que esses são isolados do processo de produção. Enfim, esse afastamento se legitima pela alegação a noções previamente estabelecidas, relativas à índole frágil e dependente da criança, desmentindo-se o fato de que esta foi tornada incapacitada para a ação devido às circunstâncias ideológicas com que a infância é manipulada. (ZILBERMAN, 2003, p.19)

As quebras de tais paradigmas transformam a sociedade, o sentimento que antes se tinha sobre a criança, um miniadulto que não tinha necessidades próprias e que deviam ser preparados para assumir seu lugar na sociedade, sem aviso prévio, como o caso de vários monarcas que subiram ao trono com idades “precozes”, dentre eles o *Faraó Tutancâmon* assumiu o trono egípcio com 9 anos (Museu Egípcio e Rosacruz, 2019), *Dom Pedro II* que assumiu o império brasileiro com 5 anos de idade (Monarquia, 2019), deixando de lado sua infância e dominando uma nação, agora foi restaurado e trocado, a criança se assemelhava aos anjos, um inocente que necessitava de sua família, tais como serem segregados, precisando, assim uma postura mais ligada à natureza infantil, uma fala mansa, jogos que divertem, enfim uma própria cultura.

A cultura infantil tem seu vasto acervo, sendo composto por livros, jogos, brincadeiras, filmes, vídeos, todo um conglomerado elaborado para a “satisfação” da criança. Entretanto, algumas dessas criações já existiam e foram adaptadas para a infância. Atualmente tal cultura é tratada como forma de lucro. Steinberg e Kincheloe (2004 p. 24) discorrem que “interesses comerciais ditam a cultura infantil da mídia, a margem de lucro é muito importante para que se importem com a que concerne ao bem estar das crianças”, vemos assim, crianças se tornando consumidoras, as magníficas propagandas que chamam a atenção nos intervalos de desenhos infantis, bonecas que falam, pôneis coloridos que dançam e cantam, prendem a atenção e criam o interesse da criança de obter tal objeto.

A veiculação midiática traz grande impacto na cultura infantil, “padrões de consumo moldados pelo conjunto de propagandas das empresas capacitam as instituições comerciais como professoras do milênio” (STEINBERG & KINCHELOE, 2004 p. 15), ou seja, a criança é introduzida no mundo capitalista, ajudando assim no crescimento econômico. Dentre os produtos geradores do desenvolvimento econômico, encontra-se a literatura infantil, produzida e direcionada para as crianças, tendo sua significação para fácil compreensão dos menores.

2.1. Literatura Infantil

A literatura infantil existe desde o século XII, mas somente no século XIII que as crianças deixaram de serem vistas como miniadultos e a terem cuidados especiais até a idade certa. De acordo com Zilberman (2003, p.15), “os primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia ‘infância’”. Com isso, muitas histórias que eram feitas para a leitura de adultos foram adaptadas para o público infantil, como os contos de fadas, que eram histórias com violência, linguagem obscena, entre outros. Essas histórias serviam para a diversão de adultos em reuniões e festas, até que Charles Perrault deu início às suas adaptações e os

reescreveu, dando a eles magias, fadas, príncipes encantados, princesas e castelos, sendo assim próprios para a leitura das crianças. Muitas dessas narrativas são muitos conhecidos até hoje como “Cinderela”, “A Bela adormecida”, “Chapeuzinho vermelho”, “Barba azul” e “O Gato de botas”.

Os contos de fadas mostravam quase sempre a mesma lógica: a mocinha boazinha e obediente, que por ter esse comportamento ganhava uma recompensa no final, ser salva pelo príncipe encantado, casar-se com ele, tornar-se princesa e serem felizes para sempre. De fato, são casos muito estereotipados, mas que o público infantil aprecia até hoje e muitas vezes percebemos que essas narrativas representam os sentimentos das crianças naquele momento, como a falta de um pai, ou por se sentirem abandonadas pela mãe, a falta de amigos e a rejeição. De alguma forma as crianças se sentem acolhidas por essas situações e pela identificação de que aqueles personagens também estão passando pelo que elas estão. Além de que a literatura infantil também contribui para o desenvolvimento da criança, ou seja, é muito importante que ela tenha essas leituras durante a infância. Zilberman (2003, p.23) elucida a influência do conteúdo fictício

A literatura infantil, por sua vez, é outro dos instrumentos que têm servido à multiplicação da norma em vigor. Transmitindo, em geral, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo, ela se compromete com padrões que estão em desacordo com os interesses do jovem. Contudo, pode substituir o adulto, até com maior eficiência, quando o leitor não está em aula ou mantém-se desatento às ordens dos mais velhos. Ocupa, pois, a lacuna surgida nas ocasiões em que os maiores não estão autorizados a interferir, o que acontece no momento em que os meninos apelam a fantasia e ao lazer.

Com o avanço das tecnologias, as histórias infantis também começaram a seguir esse mesmo caminho, e como as crianças deixaram de ter acesso aos livros e a assistir filmes, muitos contos infantis clássicos foram adaptados para filmes, como “A bela e a Fera”, “A pequena sereia”, entre outros.

2.2. Filmes Infantis

Explorando a cronologia do avanço cultural, temos dentro de seus fatores o surgimento da sétima arte mundial, o cinema. Advindo de produções francesas no ano de 1895 através de grande número de imagens que formavam os primeiros filmes. Com o grande desenvolvimento do cinema, os Estados Unidos atingiu sua marca na indústria, sendo polo cinematográfico no decorrer do século XX. Iniciou-se em Nova Iorque, entretanto devido ao clima se estabilizou em Hollywood na Califórnia, no qual se constitui a referência mundial no cinema (NAPOLITANO 2013). São mega produções que arrecadam milhões de dólares e consegue a atenção de quem os assiste, dado seus efeitos especiais e toda a tecnologia envolvente.

No que diz respeito aos filmes de animação, voltados para as crianças, o francês Émile Courlet atribui o primeiro filme, intitulado *Fantasmagorie*, projetado em 1908 em Paris. Na década de 1920 os estúdios Walt Disney produziram o primeiro filme de animação com som, *Steamboat Willie*, de 1928. E também é de criação de Walt Disney a primeira animação em cores, *Flowers and Trees*, de 1933.

A empresa fundada em 1923 pelos irmãos Walt e Roy Disney se consolidou no mercado com a criação do camundongo Mickey Mouse, que se tornara mascote da empresa, foi a salvação em meio ao declínio vivido pela produtora. Após se firmar com os lançamentos de filmes infantis, sendo o primeiro “A Branca de Neve e os Sete Anões,” a companhia Walt Disney investiu na criação de parques temáticos e canais televisivos, sendo sucesso entre as crianças (R7, 2009).

A partir da consolidação da Walt Disney em 1930, diversos títulos de histórias surgiram, entretanto seu ápice inicia na década de 1990 com os seguintes filmes: A Bela e a Fera (1991); Alladin (1992); Rei Leão (1994); Toy Story (1995), consagrados entre as crianças no final do século XX. Já com contribuição dos avanços tecnológicos e aprimoramento das produções, o século XXI ganha diversos destaques entre as animações, dentre elas filmes como Shrek (2001); Madagascar (2005); e o grande sucesso Frozen - Uma aventura congelante (2013) sendo recorde de bilheteria, arrecadando mais de um bilhão de dólares, ocupando a 13ª posição no ranking de maiores bilheterias mundiais e a 1ª posição no ranking das animações (WIKIPÉDIA, 2019)

Segundo Napolitano (2013, p. 11 apud Almeida, 2001, p. 07) “o filme, nesse sentido, é produzido dentro de um projeto artístico, cultural e de mercado - um objeto de cultura para ser consumido dentro da liberdade maior ou menor do mercado”, ou seja as produções cinematográficas têm sido a válvula de escape em meio a economia, tendo sua conversão em VHS ou DVD que permitem que se expanda dentre os meios escolares e familiares. Atualmente também são encontrados disponíveis para download em sites espalhados na internet, facilitando desse modo o acesso da criança com tal instrumento, a fim de possibilitar uma vivência nem sempre obtida na literatura infantil.

Os contos de fadas ganharam sua releitura e sua espaço na cultura infantil, as princesas ganharam vida e cor, sendo reproduzidas nas imensas telas do cinema. Tal comercialização gera impacto econômico dentro das premissas da infância, tornando a criança consumidora, “ao contrário da muitas vezes obstinada e triste realidade escolar, os filmes para crianças fornecem um espaço virtual high-tech, onde aventura e prazer se encontram num fantasioso mundo de possibilidades e numa esfera comercial de consumismo e comodismo” (STEINBERG & KINCHELOE, 2004 p. 90).

2.3. Infância e suas mudanças

Com o seu surgimento no século XVII, as crianças atraíram a atenção da sociedade, os estudos da sociologia da infância implicam a compreensão dos comportamentos de tal classe geracional perante o mundo em que vivem. As definições, outrora atribuídas como miniadultos, agora são empregadas na perspectiva de sua cultura. Segundo Belloni (2004, p. 586) “nas sociedades contemporâneas, as crianças constituem um grupo definido por duas ordens de características essenciais: a dependência e subordinação dos adultos, de um lado; e a crescente importância como parte do mercado de consumo, de outro”, ou seja as crianças são inseridas na sociedade com sua função preestabelecida, obedecer ao adulto e incentivar o consumo.

Do mesmo modo, ao adentrar a sociedade, as crianças já possuem uma caracterização pronta, sem chances de alterações. O menino ganha uma vida voltada aos esportes, em sua maioria, são treinados para serem jogadores de futebol, e as meninas recebem os tratamentos para serem uma dona de casa e saberem cuidar de seus filhos. Steinberg & Kincheloe (2004, p. 45) afirmam

as propagandas para brinquedos de menina mudaram pouco desde os anos 50 - estavam perdendo as alusões às qualidades do forno de brinquedo como treinamento para a economia doméstica e a demanda da maternidade. Similarmente, propagandas de brinquedos para meninos têm atestado apenas alterações menores durante os últimos quarenta anos. A voz masculina e adulta do locutor se foi, mas close-ups dos brinquedos e vozes de garotos fazendo efeitos sonoros de máquinas e armas continuam ininterruptos. Os meninos continuam iguais com seus brinquedos, considerando que garotas tomam cuidado com os dela - sempre as adoráveis espectadoras das suas bonecas nos comerciais de garotas.

Tais limitações são encontradas nas literaturas infantis, fruto de histórias adultas, possuindo o viés da imaginação, entretanto não fogem dos padrões da donzela subordinada/indefesa e do cavaleiro forte/corajoso. Lidas na beira da cama ou nos espaços escolares, encontram-se na literatura formas de ganhar a atenção e a subordinação da criança, usando os personagens para atrair o medo e conseguir que a criança realize alguma tarefa de seu desejo, assim a criança aprende o disciplinamento da vida imposta pelo adulto, segundo Steinberg e Kincheloe (2004 p.105) “crianças aprendem a partir da exposição às formas de cultura popular, e estas proporcionam um novo registro cultural do que significa ser instruído”.

Na animação, por sua vez, torna mais limitada a imaginação da criança, tendo tudo produzido, não se tem a possibilidade de se construir tal personagem, ou de compreender em seu mundo. A fantasia se tornou real e concreta, a literatura possibilitadora do imaginário, ganhou vida. A produção dos grandes estúdios de cinema, trazem as características dos personagens de modo que estejam de fácil compreensão e que tenham em sua transmissão uma distorção do mundo em que vive, “a realidade virtual descrita na telinha tende a ser vivida por

esses jovens como um simulacro, um sonho, uma fantasia que substitui um real demasiado triste” (BELLONI, 2004, p.586).

3. Análise da Releitura

Sabemos que a infância não existia até o século XVII, antes disso as crianças eram tratadas como miniadultos, usavam as mesmas roupas, trabalhavam nos mesmos locais, liam as mesmas coisas e eram tratadas como adultos. Conforme dito anteriormente, depois que a infância passou a ser compreendida como um grupo social, muitos quesitos começaram a ser produzidos para as crianças e outros começaram a ser adaptados. Esse é o caso dos contos de fadas. Os contos eram feitos para a leitura e a diversão de adultos e continham linguagens obscenas e violência. Assim, eles foram adaptados para as crianças com histórias que continham magia, fadas, madrinhas, príncipes e princesas, além de sempre o fator principal da história era que a/o protagonista era obediente e “bonzinho”, e por esse comportamento ganhava uma recompensa no final, que na maioria das vezes era se casar com um príncipe e viver feliz para sempre. Com isso, foi ensinado para as crianças que se elas fossem obedientes, boas e se comportassem, no final elas teriam uma recompensa. Segundo Bettelheim (2004, p.19)

só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fada (a criança) pode se encontrar; e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente.

E com isso depois de muitos anos esses contos ainda agradam e influenciam muito as crianças e até adultos, sendo que vários filmes são inspirados ou são uma releitura desses contos de fadas. São eles os sucessos de Cinderela, A Bela e a Fera, Branca de Neve, A Bela Adormecida, entre muitos outros.

A grande bilheteria que tais filmes proporcionam reforça o quanto as crianças se sentem atraídas pela perspectiva de ver seus personagens favoritos na imensa tela. O consumo que se tem ao levar uma criança ao cinema e lhe entregar algo fantástico a seus olhos. Segundo Silva (2019) “é porque os contos de fadas abordam conteúdos de sabedoria popular da condição humana, é que se tornam tão importantes e se perpetuam até os dias atuais”. Alguns filmes também inovaram colocando o ponto de vista da vilã, como o filme Malévola, que mostra a vida da vilã e que ela não é tão má assim, fazendo o público gostar dessa personagem.

Todos nós já ficamos maravilhados em algum momento de nossa existência com um belo conto de fadas e se a apresentação foi para nós significativa, ainda hoje somos capazes de passar horas a fio ouvindo ou lendo uma boa história. Os contos de fadas são tão ricos que têm sido fonte de estudo para psicanalistas, sociólogos, antropólogos,

psicólogos, cada qual dando sua interpretação e se aprofundando no seu eixo de interesse (SILVA apud ABRAMOVICH, 1994, p.121).

Ou seja, não importa quanto tempo passe e quantas mudanças no mundo aconteçam, os contos de fadas irão se adaptar e continuar conquistando o público, seja ele criança ou adulto.

Outras obras não tão conhecidas também viraram uma adaptação ou inspirações para filmes, como duas animações feitas recentes, uma chamada “Frozen: uma aventura congelante” e a outra chamada “Reino Gelado” que é inspirada no conto “A Rainha da Neve” de Hans Christian Andersen.

Na história de Andersen, duas crianças chamadas Kay e Gerda foram separadas devido a um estilhaço de espelho enfeitiçado, o qual transformava o bonito como feio e o bom como mau, acertar o coração e o olho de Kay. Após seu sumiço, Gerda se preocupa com o amigo e sai em sua procura. Todo seu caminho até o castelo de gelo, local que seu amigo Kay encontrava-se preso nas mãos da Rainha da Neve, foi próspero pois a pequena garota conseguiu ajuda de todos que encontrava, a feiticeira das rosas falantes, a menina ladra e sua rena, a moça da casa aquecida na floresta, enfim todos a ajudavam, graça seu coração puro e bondoso. Ao encontrar seu amigo, Gerda desaba em choro e suas lágrimas curam seu amigo do efeito do espelho, libertando-o da Rainha da Neve. O amor encontrado no puro coração de Gerda, é uma característica presente nos demais contos, ensinando que é necessário ser bondoso para combater o mal.

Com este conto podemos entender que é possível agradar o público infantil com histórias leves e sem estereótipos, tendo em vista que no mundo atual muitas obras da literatura infantil tem que ser adaptadas e reconstruídas sem estereótipos para que as crianças não cresçam com certos preconceitos, já que desde cedo a criança aprende certos valores e a literatura influencia muito no seu crescimento.

Em sua adaptação para o cinema, o filme Frozen conta a história de duas irmãs, Anna e Elsa, ambas princesas do reino de Arendelle. Um acidente com os poderes gelados de Elsa, na infância, separou as duas irmãs. Na adolescência, as jovens princesas perdem seus pais em um naufrágio, no entanto isso não as uniu novamente. Ao completar 21 anos, Elsa, a irmã mais velha, se prepara para sua coroação como rainha, entretanto uma discussão entre ela e sua irmã durante o baile, revelou os poderes que Elsa escondia, o reino que estava todo reunido chamou a nova rainha de monstrosidade, ordenando sua caçada. Com medo e sem escolhas, Elsa foge para as montanhas e constrói um castelo de gelo, no qual se sente protegida e livre. Anna, sua irmã resolve ir encontrar a rainha e, no caminho, encontra com pessoas que lhe ajudam, como Kristoff e sua rena Sven, a família Troll. Ao encontrar Elsa, seu poder descontrolado atinge sua

irmã com pedaços de gelo no coração, começando a caçada de Kristoff para encontrar o amor verdadeiro e curar sua amiga. Por fim, Elsa é encontrada e presa, mas seus poderes a libertam da prisão, o príncipe Hans tenta matá-la, mas é impedido por Anna que congela por completo devido ao gelo em seu coração. Elsa se desespera e abraça sua irmã enquanto chora, tal ato de amor verdadeiro descongelou Anna e todo o reino que estava sofrendo pelo inverno eterno.

Na adaptação, notam-se semelhanças com o conto de Andersen, as duas irmãs se tornam o centro da trama, Elsa em busca de aceitação e liberdade e Anna por companhia e felicidade. De tal modo, conseguimos encontrar Elsa's e Anna's em nossa sociedade, crianças que buscam incansavelmente sua aceitação perante os amigos e familiares, seja por ser diferenciado no jeito de se vestir, nos gostos para filmes e músicas, a todo momento se procura aceitação para ser livre. Esse aceitar-se gera a companhia que Anna tanto luta para ter. Depois de seu afastamento de Elsa, a jovem cresceu sozinha no palácio, brincando com as obras que ali estavam, como quadros, armaduras e estátuas. No mundo infantil, em sua maioria, vemos crianças sem companhia para brincar, se isolam com seu brinquedo pois não tem a liberdade de se aproximar dos colegas e compartilhar com eles sua felicidade.

Assim como a narrativa de Andersen e a superprodução da Disney, os personagens principais vivem um tempo juntos e logo em seguida são separadas, a trajetória das histórias mostra a busca pela aproximação, a prudência de Gerda e Anna na realização de seus objetivos, ao arriscarem suas vidas por seu/sua amigo/irmã. As lembranças que unem os personagens, como as rosas cultivadas por Gerda e Kay, são o alimento de esperança em sua procura. Tal como a materialização da lembrança de Anna e Elsa no boneco de neve, Olaf, que ambas brincavam quando criança. Ambos nos mostram que, para alcançar nossos objetivos precisamos de uma motivação, seja uma lembrança, um objeto, enfim, uma concretude que nos permita suportar as dores no caminho para que encontremos a felicidade eterna.

As crianças sentem a semelhança com o mundo real, as atribuições passadas para as jovens princesas após a tragédia envolvendo seus pais remete-se ao abandono em que muitas crianças vivenciam em casa, não necessariamente tendo os membros de sua família mortos, mas sendo negligenciados, isolados e tratados com indiferença, seja por questionar demais, seja por querer aprender e explorar o mundo.

A trajetória narrada por Andersen nos dá uma nova conexão entre a fantasia e realidade, ao trazer personagens, em sua maioria, de classes sociais mais baixas, aproxima o leitor com o mundo em que vive, assim como os comportamentos demonstrados pelos amigos no decorrer da trama, a criança tem seu momento alegre e triste, pode sorrir em um momento e chorar em outro, tamanhas semelhanças confortam o leitor ao perceber que Kay e Gerda são crianças como

elas, assim como cada personagem ali caracterizado pode estar adaptado em sua vida. Exemplificando, a feiticeira das rosas falantes transforma-se na professora da creche que a cada dia lhe apresenta uma história nova, então seu mundo se adapta em torno da história.

A transposição do mundo adulto através da literatura infantil trouxe uma nova forma de gerenciamento da vida infantil. As histórias contadas e recontadas por gerações que exploram a imaginação da criança e lhe trazem as possibilidades do mundo fantasioso que quebra os estigmas da sua realidade, são deixadas de lado pela inovação cinematográfica. Os filmes produzidos, em sua maioria, pela Walt Disney apresentam a imaginação pronta: de acordo com Steinberg & Kincheloe (2004 p.102) “para as crianças, as mensagens contidas nos desenhos animados da Disney sugerem que problemas sociais, tais como a história do racismo, o genocídio dos americanos nativos, o sexismo reinante e a crise da vida democrática pública são simplesmente decididos através das leis da natureza”.

O olhar adulto sobre a cultura infantil pode limitar ou ampliar o entendimento da criança sobre a sociedade, usando da persuasão dos filmes e influenciando as crianças em suas escolhas de vida. Segundo Steinberg & Kincheloe (2004, p. 21)

a cultura popular provê as crianças com intensas experiências emocionais muitas vezes inigualáveis em qualquer outra fase das suas vidas. Não é de surpreender que semelhante energia e intensidade exerçam poderosa influência na autodefinição, nas formas que as crianças escolhem para organizar suas vidas.

A magia entrelaçada na fantasia traz a distorção da realidade vivida pela criança, contrapondo aos contos de fadas, que sua relação com a criança se torna mais próxima, por protagonizar histórias em que as crianças se coloquem no lugar dos personagens, como a relação de Gerda e Kay afetada pela Rainha, podendo significar o distanciamento familiar que outrora trouxe consigo a preocupação e união de irmãos, mesmo através das atrocidades de uma rainha solitária que desejava o mal e sua única companhia sendo as estátuas de gelo em seu castelo. Nessa adaptação, podemos encontrar algumas das ações patriarcais sendo desfeitas, uma jovem princesa assumindo o trono sem precisar de um homem ao seu lado, mesmo que o reino exigisse tal personificação masculina, tal como o príncipe Hans sendo egoísta e querendo assumir Arendelle e colocando em risco as princesas para conseguir seu objetivo.

Ambos constroem nas crianças, e também nos adultos, o pensamento de que o bem vence o mal pelo amor verdadeiro, o que nos gera o questionamento: todo amor é verdadeiro? O significado das palavras “eu te amo”, ditas, muitas vezes, nos contos, sendo por mães, irmãs, e qualquer outro personagem, pode auxiliar na compreensão errônea de mundo para a criança, nem todos que dizem sobre o amor, amam de verdade. Notícias nos relatam o quanto de

sofrimento há por trás do famoso amor, e são ocorrências de pessoas próximas, que pode ser observado em exemplos como uma madrasta que obriga sua enteada a limpar toda a casa, por um tio que abusa sexualmente de seu sobrinho ou até mesmo de um pai que assedia seus filhos constantemente, sobre a fala de “ser para o bem deles”.

A história contada na tela do cinema traz o antagonismo das personagens, de forma que podemos contextualizar a luta das crianças pela liberdade e felicidade, poucos são os olhares estruturantes acerca da infância. O protagonismo infantil precisa de uma figura adulta, mas nem todos a possuem. Como argumentar para uma criança de baixa renda que seu feliz para sempre só virá com a bondade? Sendo que o mundo que lhe cerca é mal? Ou para a doce menina que possui uma deficiência física que lhe obriga a se sentir sozinha num mundo tão povoado? Temos que garantir a inclusão, como o conto de Andersen que demonstrou a bondade das pessoas por mais que em seus estereótipos sejam caracterizados como ruins. Nossa sociedade está repleta de “ladras” boas, de “feiticeiras” que fazem o bem, e essas visões da cultura infantil são modificadas ou corroboradas na escola.

A literatura infantil apresentada, em sua maioria, nos ambientes educacionais conta com uma rigorosa visão adulta, sendo limitado o que falar e como explicar para as crianças tais concepções de mundo, família e sociedade. Os textos são usados de modo que a compreensão da realidade fictícia seja abordada em meio aos problemas sociais, “assim, os fatores estruturais de um texto de ficção - narrador, visão de mundo, linguagem - podem-se converter no meio por intermédio do qual o adulto intervém na realidade imaginária, usando-a para incutir sua ideologia” (ZILBERMAN 2003 p.23).

Da mesma forma, o cinema emprega os valores sociais de forma mágica e extremamente contrária à realidade. Ao ser inserida no ambiente escolar, através de DVD’s ou televisão a cabo, podem ser usadas de forma a realizar uma ligação entre a história e o segmento de mundo e sociedade, transcorrendo que a magia está nas ações e não em poderes mágicos. De acordo com Napolitano (2013, p. 15)

a diferença, é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar

Todavia, a realidade mostrada nas grandes telas distorce a visão de mundo e sociedade que vivemos, o romantismo no sofrer, a recompensa pela obediência, enfim a estereotipação advinda do maior para o menor, do belo para o feio, do rico para o pobre, a pirâmide social agora incluída na cultura infantil. No campo da educação, há um compromisso importante que deve ser assumido nas escolas ao se trabalhar com esses produtos culturais: permitir às crianças

que reflitam sobre as características das histórias assistidas (ou narradas) e encontrem contrapontos ou semelhanças com a sua condição infantil e social.

4. Considerações Finais

No caminho de construção da cultura infantil, temos impregnado os estereótipos em que as crianças se tornam seres dependentes e subordinadas. Sendo vistas como anjos e adultos, uma simbologia que remete aos primórdios de sua descoberta no século XVII. A capacitação da sociedade perante a nova realidade, os fez adaptar-se para incluir essa classe geracional em suas vidas, estabelecendo os padrões de convivência e estruturação da infância.

Ao compreender os estudos da Sociologia da Infância, notamos que o ser angelical tem suas funções em torno do consumo, as ideias capitalistas impostas na sociedade tem se voltado para o público infantil, na comercialização de livros e filmes que atraiam a atenção da criança. Tal atração encontra-se também dentro dos muros escolares, nos espaços livres, são usados como formas de passar o tempo, contanto que as crianças fiquem sentadas ouvindo um belo conto ou assistindo um surpreendente filme.

Como educadores, temos o papel de mediar esse processo imaginário, entretanto temos que compreender que nossa mediação não pode interferir no processo da imaginação, precisamos instigar a criança a criar e imaginar, mas precisamos mostrar a realidade, trazendo a diferença e semelhança do fabuloso mundo cor de rosa com o mundo colorido e propício ao crescimento.

A cultura infantil tem seu espaço na sociedade e, como tal, atinge todas as estruturas sociais, seja através do brinquedo, propaganda, filme ou livro. A discussão acerca da infância não está a cargo apenas da educação, mas precisa ser assumida por todos os setores de pesquisa, cuja potência já foi percebida em diversas áreas do mercado.

Sendo assim, os olhares adultos sobre a criança tem questionado a forma de agradar tal público, assim como problematizar seu comportamento perante a sociedade. Estamos em constante mudança e adaptação, do mesmo modo, a infância muda seus atores sociais e, com eles, os gostos, as vontades e os estudos.

Portanto, analisar as produções elaboradas para a infância se faz necessário, pois ao compreender que o grupo etário que preenche tal classe geracional não é ouvido, conseguimos notar a visão adulta ali atribuída. A satisfação adulta, por sua vez, se torna aprimorada, tendo a criança como telespectador de suas maravilhas, como exemplo o cinema, trazendo um olhar mais direto em busca do lucro.

Referências

- ANDERSEN, Hans C. - *A Rainha da Neve*. Armanda de Papel, 2014.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos editora S.A, 1981.
- BASTOS, R.S. M e Nogueira, J. R. *Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógico*. Universidade Federal de Montes Claro, 2015.
- BELLONI, Maria Luiza. Infância, máquinas e violência. *Educação & Sociedade*, Campinas/SP, v. 25, p. 575-598, 2004.
- BETTELHEIM, B. *A Psicanálise dos contos de fada*. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- DEMO. Pedro. 1941 - *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas/Pedro Demo*. - 7. ed. - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.
- DISNEY, Walt - *Frozen - Uma aventura congelante*. 2013
- MONARQUIA. *Dom Pedro II*. Disponível em <https://www.monarquia.org.br/dompedroii.html>. Acesso em 08 de Jan. de 2019
- MUSEU EGÍPCIO E ROSACRUZ. *Tutankhamon – O faraó menino*. Disponível em <http://museuegipcioerosacruz.org.br/tutankhamon-o-farao-menino/> Acesso em 08 de Jan. de 2019.
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 5. ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2013.
- R7. *Conheça a história da Disney, o maior estúdio de animação do mundo*. 2009. Disponível em <http://entretenimento.r7.com/cinema/noticias/historia-da-disney-20091210.html>. Acesso em 11 de Jan. de 2019.
- SARMENTO. Manoel Jacinto. *Imaginário e Culturas da Infância*. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho, 2002.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Ana Maria da. *A Importância da Leitura dos Contos de Fadas na Educação Infantil*. Disponível em <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/farmacia/a-importancia-da-leitura-dos-contos-de-fadas-na-educacao-infantil/30151>. Acesso em 09 de Jan. de 2019.
- STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Tradução: George Eduardo Japiassú Brício. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

WIKIPÉDIA. *Lista de filmes de maior bilheteria*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_filmes_de_maior_bilheteria. Acesso em 11 de Jan. de 2019.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na escola*. 11. ed. Rev. Atual e Ampl. - São Paulo: Global, 2003.